

Resenha / Dossiê Migrações, exílios e diásporas: o mundo em movimento no século XIX

VENDRAME, Maíra Ines; CEVA, Mariela (org.). *Migrações atlânticas: trajetórias, conexões e redes migratórias entre Europa e América Latina*. São Leopoldo: Oikos: Editora Unisinos, 2025. 412 p.

Os imigrantes sobre o oceano e sob a lupa, sécs. XIX e XX

Immigrants across the ocean and under magnifier, 19th and 20th centuries

Los inmigrantes sobre el océano y bajo la lupa, siglos XIX y XX

Amanda Pereira dos Santos, *Università di Bologna* ✉  

Nos meios de comunicação social, as migrações são veiculadas, recorrentemente, como um “processo objetivo”, que se sucede à margem das ações dos sujeitos e que se elucida por meio de esquemas demográficos e da aplicação de metáforas naturalistas, como “correntes/fluxos migratórios”. No discurso público contemporâneo, principalmente nos Estados Unidos e nos países da União Europeia, verificam-se a estigmatização e a exclusão dos imigrantes e estrangeiros, as quais são legitimadas segundo as políticas e as legislações governamentais baseadas em novos nacionalismos e racismos. No campo de investigações das Ciências Sociais, sobretudo no século XX, os deslocamentos humanos foram analisados em função, predominantemente, de suas “causas objetivas”; dos fatores de repulsão e de atração; e dos “desequilíbrios” resultantes da divisão internacional do trabalho (Mezzadra, 2010, p. 317-318).

A partir dos anos 2000, diversos estudos, sobretudo os de gênero, assinalam que os movimentos migratórios devem ser investigados para além das condições estritamente econômicas e dos fatores demográficos, sendo necessária a análise acerca da influência exercida por questões culturais, geracionais, religiosas, políticas (principalmente nos casos de refugiados e exilados), étnico-raciais e de gênero (Menezes; Matos, 2017; Mezzadra, 2010; Rotta; Liebel, 2019).

A publicação da coletânea *Migrações atlânticas: trajetórias, conexões e redes migratórias entre Europa e América Latina*, organizada pelas historiadoras Maíra Ines Vendrame e Mariela Ceva, insere-se nesse debate com o propósito de compreender as agências dos sujeitos envolvidos nos deslocamentos, focalizando as trajetórias

coletivas e individuais dos e/imigrantes, o acionamento de suas redes interpessoais e a mobilização de diferentes estratégias migratórias.

Os catorze artigos apresentados na obra, formulados por pesquisadores(as) brasileiros(as) e argentinos(as), adotam a metodologia da micro-história e a perspectiva da história global para examinar os deslocamentos de europeus, sobretudo italianos e alemães, para os países da América do Sul. De acordo com Henrique Espada Lima (2015, p. 583-584), os pressupostos da micro-história e o debate da história global, especialmente nos estudos históricos sobre o trabalho, convergem em muitos princípios, pois enfatizam as dimensões comparativas de seus objetos de análise e buscam entrelaçamentos possíveis que se encontram na pesquisa histórica. Além disso, tanto a micro-história quanto a história global “[...] correspondem ao impulso necessário de redefinir os contextos relevantes e as categorias analíticas” (Lima, 2015, p. 585) que abordam os trabalhos forçados, informais, domésticos e as tensões entre “livre” ou “não livre”.

A maioria das investigações apresentadas no livro *Migrações atlânticas* se debruça sobre as últimas décadas do século XIX e o início do XX, apesar de três artigos avançarem as suas análises sobre o período do pós-Segunda Guerra. A partir da abordagem microanalítica que baliza locais, trajetórias e situações particulares, os artigos entrelaçam diferentes experiências e escalas a fim de testarem implicações mais gerais sobre os deslocamentos, uma vez que a circularidade de grupos e indivíduos por diferentes espaços geográficos possibilita as articulações complexas entre o “local” e o “global” propostas no livro.

De acordo com Stuart Hall (2001, p. 89), as identidades culturais atravessam as fronteiras juntamente com os sujeitos históricos, os quais possuem fortes vínculos com os lugares de origem e com as suas tradições, ao mesmo tempo em que negociam obrigatoriamente com as novas culturas e localidades em que passam a viver, compondo, assim, as “culturas híbridas”. A obra *Migrações atlânticas* vai ao encontro desse pressuposto ao enfatizar que, apesar das longas distâncias percorridas, os e/imigrantes mantiveram vínculos culturais e sociais com as suas comunidades de origem, fomentando novas transferências e processos de engajamento que incluíram diversas gerações. Além desses vínculos e das redes interpessoais dos e/imigrantes, os artigos abordam temas como colonização e trabalho; a ascensão econômica e sociopolítica de determinados imigrantes; o recrutamento e o controle migratórios nos locais de partida; a associação direta entre “estrangeiro” e “criminoso”; e as estratégias de integração dos e/imigrantes aos novos contextos nacionais.

Essas temáticas foram compiladas em dois eixos analíticos, intitulados “Imigração, Política e Trabalho” e “Imigração, Redes Sociais e Família”. O primeiro reúne sete artigos que evidenciam determinados sujeitos envolvidos com projetos migratórios e as suas atuações políticas nos locais de saída e/ou de chegada. Na abertura, Máira Ines Vendrame e Alexandre Karsburg defendem o conceito de uma “micro-história em movimento” e analisam as práticas dos agentes e subagentes, que promoveram a emigração de famílias italianas para o continente americano na virada

do século XIX para o XX. Os autores focalizam o funcionamento do “negócio das migrações” nas duas pontas do Atlântico e a trajetória do empresário Sabino Tripoti, que incentivou e garantiu a transferência de milhares de italianos para uma colônia na província do Paraná. Tendo em vista as partidas massivas através do porto de Gênova, Paulo Cesar Gonçalves (2008) aborda o debate conflituoso sobre a (ausência de) tutela estatal na “grande emigração” italiana a partir da trajetória do burocrata Natale Malnate, cujas obras argumentaram a favor da proteção dos emigrantes desde a origem até o seu destino, assim como teceram severas críticas à legislação migratória da Itália devido à incapacidade de coibir a emigração e os agentes clandestinos.

O artigo de Marcos Antônio Witt e Welington Augusto Blume também opta pela análise de trajetórias, porém traça comparações entre os percursos de dois sujeitos: o Visconde de Abrantes, no Brasil, e Vicente Pérez Rosales, no Chile. No século XIX, esses indivíduos tornaram-se representantes de seus Estados nacionais e produziram obras para discutir as questões de e/imigração e colonização, as quais estiveram associadas ao almejado desenvolvimento econômico e social dos novos países latino-americanos. Na linha semelhante das análises de trajetórias, Oswaldo Truzzi repensa a atuação política dos imigrantes italianos e seus descendentes em alguns municípios do estado de São Paulo, verificando que os indivíduos de origem imigrante passaram a exercer um protagonismo muito maior nas câmaras municipais no período de redemocratização do pós-guerra (1947-1959) do que durante a Primeira República (1889-1930), relacionando-o às transformações estruturais e conjunturais provocadas pelo primeiro governo Vargas (1930-1945).

O artigo de Rosane Marcia Neumann examina os curiosos vestígios da trajetória migratória do alemão Carl Wagner, contratado em 1900 para trabalhar como moleiro na colônia Neu-Württemberg (RS), porém despejado do lote colonial e processado pela empresa colonizadora após três anos. Inserido no rol das “histórias de fracasso”, Neumann demonstra como esse imigrante conseguiu romper as demarcações do universo colonial e denunciou à imprensa e às autoridades alemãs o empreendimento no exterior, difamando e descredibilizando a legitimidade das posses da Colonizadora Meyer.

Na cidade de Hamburgo, no início do século XIX, o Major Jorge Antônio von Schaeffer atuou como representante do novo império brasileiro naquela região, incumbido do recrutamento de soldados-colonos nos territórios alemães. A trajetória desse médico-diplomata é o foco de análise de Miquéias H. Mügge, cujo artigo demonstra como as negociações diplomáticas foram perpassadas pelas complexidades estruturais de Portugal e do Brasil, bem como pela circulação de ideias relacionadas às políticas de imigração e de ocupação do território brasileiro.

A relação entre crime e imigração na virada do século XIX para o XX é a temática inédita do artigo de Diego Galeano, o qual analisa as investigações policiais sobre as redes transnacionais de fabricação e circulação de dinheiro falso em portos europeus e cidades sul-americanas. O autor também examina as notícias de periódicos que denunciaram o uso de notas falsas no comércio referindo-se aos “estrangeiros

perniciosos” como as principais lideranças das “gangues” criminosas, esteoreotipando e criminalizando os imigrantes em conjunturas instáveis de determinados países da América do Sul.

De acordo com Mezzadra (2010, p. 318-319), para que as migrações ocorram é imprescindível o movimento individual realizado por mulheres e homens concretos, os quais integram redes familiares e sociais, mas que ainda assim adotam iniciativas individuais. As investigações de Oswaldo Truzzi (2008, p. 203-204) acerca das redes em processos migratórios também evidenciam a importância dos laços interpessoais que conectam os e/imigrantes e os possíveis candidatos à e/imigração nos locais de partida e de destino, propiciando tanto informações sobre empregos, moradias e condições de vida quanto os recursos práticos e materiais, como o alojamento e o envio de remessas para a efetivação do deslocamento. Tais redes teceram diferentes estratégias para favorecer grupos familiares, amigos(as) e conterrâneos no processo migratório. Considerando as duas pontas dessas redes, a pesquisa sobre os *Mercadores de Braços* (2008) de Paulo Cesar Gonçalves também elucida a relevância das empresas de navegação, dos agentes de recrutamento de e/imigrantes e das agências de introdução desses indivíduos nas regiões de desembarque, os quais prestaram auxílios importantes aos e/imigrantes em questões burocráticas e financeiras implicadas nas travessias.

Tais perspectivas manifestam-se nos sete artigos reunidos na segunda parte da coletânea, denominada “Imigração, Redes Sociais e Família”. Essa seção é aberta com a análise da trajetória do imigrante italiano Samuel Malfatti, pai da pintora Anita Malfatti, que circulou pela Argentina e por diferentes cidades do Brasil. O artigo de Renan Vidal Mina entrelaça diferentes escalas de análise para tratar das redes interpessoais, das iniciativas e dos deslocamentos efetivados por esse engenheiro italiano, relacionando-os com o ramo da construção civil e o contexto sociopolítico do Brasil no final do século XIX, que possibilitou a eleição de Samuel Malfatti ao legislativo estadual por São Paulo. Javier Grossutti também aborda a presença de imigrantes italianos no setor da construção civil na virada do século XIX para o XX, porém se interessa pela ampla circulação de pedreiros e mestres de obras entre as cidades de Buenos Aires, Montevideu e São Paulo, demonstrando a articulada rede de informações e os itinerários traçados por esses sujeitos.

O artigo elaborado por Ana Silvia V. Scott, Maria Sílvia B. Bassanezi e José Victor Maritan dialoga, diretamente, com o texto de José Victor M. Gonçalves, pois ambos investigam os vínculos, as redes de apoio e as estratégias migratórias mobilizadas por famílias italianas que se estabeleceram no estado de São Paulo no final do século XIX e no início do XX. Os pesquisadores elucidam aspectos globais relacionados às migrações no período, ao mesmo tempo em que destacam as experiências individuais e familiares dos italianos no processo de integração e adaptação aos seus locais de destino.

Os capítulos formulados por Marinilse Candida Marina e por Bettina Favero aproximam-se, ainda, em larga medida, pois ambos tratam da emigração italiana para

a Argentina desde o final do século XIX até a década de 1960, apesar de Favero ampliar o espaço geográfico de sua análise sobre a região Sul do Brasil. As autoras examinam as estratégias migratórias, o papel fundamental exercido pelas redes sociais e pelos vínculos comunitários, inclusive na inserção dos imigrantes em determinados setores econômicos.

Por fim, o artigo de Rita de Cássia L. Couto e Mônica R. de Oliveira apresenta o processo de formação da colônia alemã Dom Pedro II, na cidade de Juiz de Fora (MG), salientando determinadas especificidades do encontro entre imigrantes de diferentes regiões germânicas, porém unidos na condição de estrangeiros no Brasil, assim como os contatos estabelecidos com diferentes grupos locais, a maioria de origem luso-brasileira e africana. As autoras ressaltam a questão basilar dos vínculos sanguíneos e afetivos para a efetivação das migrações, do mesmo modo que as escolhas de vizinhança e os laços de compadrio firmados pelos imigrantes e os seus descendentes na cidade mineira.

As investigações compiladas no livro evidenciam que os debates historiográficos e sociopolíticos sobre as migrações internacionais implicam a mobilização de diversos aspectos, como os vínculos comunitários e sanguíneos, as redes interpessoais e de informações, as conexões entre os locais de partida e de destino, bem como as agências de indivíduos e grupos familiares que empregaram diferentes estratégias migratórias nas duas pontas do Atlântico, marcadas pelas conjunturas do século XIX e XX. O uso de fontes diversificadas e a abordagem microanalítica atrelada às dimensões da história global são contribuições importantes apresentadas na coletânea, uma vez que indicam que novas indagações e problemáticas podem ser pautadas em futuras pesquisas e nas discussões (cada vez mais acirradas) sobre os deslocamentos e as trajetórias percorridas pelos e/ou imigrantes.

Referências

- GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-30092008-162725/publico/TESE_PAULO_CESAR_GONCALVES.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LIMA, Henrique Espada. No baú do Augusto mina: o micro e o global na história do trabalho. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 571-595, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/jW5mRNngSxF6gfVyLcsrFVGq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2026.
- MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco* (Rio de Janeiro e São Paulo – XIX e XX). São Paulo: E-Manuscrito, 2017.

MEZZADRA, Sandro. Direito de fuga. In: DIAS, Bruno Peixe; NEVES, José (coord.). *A política dos muitos: povo, classes e multidão*. Lisboa: Tinta da China, 2010. p. 315-328.

ROTTA, Helen; LIEBEL, Vinicius; Diásporas: questões e perspectivas sobre os estudos de imigrantes e refugiados nos séculos XX e XXI. *Veritas*, v. 64, n. 3, p. 1-27, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/35112/19422>. Acesso em: 26 fev. 2026.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo social*, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2026.